**Homilia na Celebração Vicarial dos Acólitos || Leça do balio || 21.09.2024**

Hoje não faria a homilia, explicitamente a partir dos textos bíblicos, mas sobretudo a partir das caraterísticas desta Igreja, até porque na sua construção e decoração – diz-se – as construções das Igrejas do estilo românico e gótico são uma “*Bíblia de pedra*”. Estamos reunidos numa Igreja, cuja construção remonta ao século XIV (1330-1336), marcada por um estilo arquitetónico que é **de transição entre o românico e o gótico**. Neste caso, trata-se ainda do gótico, na sua fase primitiva. Mas há notórias diferenças entre os dois estilos e a imagem da Igreja e da época que representam.

**1.** Dito de forma muito sumária, **o estilo românico**, mais implantado no mundo rural, carateriza-se pela sua austeridade, pela sua rigidez granítica, visível nas paredes grossas, com poucas entradas de luz: os edifícios são marcados por uma estrutura maciça e pesada e pelo arco de volta perfeita. E, neste caso da Igreja de Leça do Balio, há neste românico algumas feições de natureza militar, o que não admira estando esta Igreja integrada num Mosteiro que era a casa-mãe da Ordem dos Hospitalários, mais tarde, designada por Ordem de Malta, uma Ordem monástico-militar. Esta Igreja é, sem dúvida, um dos mais significativos exemplos de Igreja-fortaleza, com a sua torre ameada, de 28 metros de altura, com pequeninas janelas, para detetar a presença do inimigo, defender-se dele e a atacá-lo. **Superar o *estilo românico*, implicaria passar de uma Igreja-fortaleza, que se põe à defesa e ao ataque, a uma Igreja ‘forte’ no amor, que se torne «hospital de campanha», uma Igreja de portas altas e abertas,** para os pobres, doentes e para os “*pecadores, que precisam de médico*” (cf. Ev.º)**.**

**2.** O **estilo gótico**, que resulta da evolução do românico, em contexto mais urbano, distingue-se pela elegância e pela verticalidade da construção mais em altura, pelo arco quebrado que sustenta pesos maiores, pela sua maior abertura para a luz natural, tornando-se um espaço amplamente iluminado. O gótico oferece-nos sobretudo a luz, a elevação mística, a clareza. Veja-se como nesta Igreja, o interior é caraterizado pela leveza dos arcos ogivais e da abside. Estas construções de estilo gótico são mais comuns nas cidades e o estilo carateriza a maior parte das catedrais europeias da Idade Média. Chamo a vossa atenção para a importância dos vitrais, pois a arte do vitral atinge o seu apogeu durante o período gótico e tem subjacente uma bela espiritualidade: o vitral comunica no interior e para o exterior; ele prefere a luz, que vem do alto e dimana de dentro, ao brilho artificial e exterior; as imagens dos vitrais, que se revelam a partir do interior, quando atravessadas pela luz natural, mostram-nos que a beleza só se percebe a partir de dentro; é preciso, pois, deixar entrar a luz de Deus, como a luz natural; é preciso deixar entrar a beleza da graça, como a luz do sol pela vidraça. **O estilo gótico parece dizer-nos que entramos na Igreja não para brilhar, mas para receber e irradiar a luz de Deus, para crescer até *à medida de Cristo na sua plenitude*** (cf. 2.ª leit.ª)**!** Os vitrais fazem do espaço da Igreja **um convite à contemplação**, como se tudo nos convidasse a sonhar a Igreja, à imagem da nova Jerusalém, uma espécie de *microcosmos do céu*. O adorno, a luz e a perfeição estrutural das Igrejas, de estilo gótico, a sua dignidade, o equilíbrio das formas, convidam-nos à contemplação e não apenas à fruição estética. Isto é, quem construiu estas Igrejas não quis tanto oferecer-nos ***arte para dar nas vistas*,** mas beleza *para nos abrir os olhos* ao invisível; quis refletir no material o imaterial, fazendo das Igrejas, um espaço de encontro com Deus.

**II.** Queridos acólitos: que tem então esta Igreja, **de transição entre o estilo românico e o estilo gótico**, a ensinar-nos, quanto ao ***estilo*** do vosso ministério? Diria, de modo muito simples:

1. É preciso **que o acólito evolua de um estilo românico**, rígido, defensivo, militar, formal, estático, imóvel, ‘pesadão’ – aliás, bem patente no acólito de “mãos coladas” e rosto endurecido… que faz dele um ‘jarrão’ decorativo – **a um estilo gótico**, mais leve, mais informal, mais elegante, mais simpático, mais aberto. O acólito, sem deixar de ser austero e humilde, como as pedras do edifício românico, deve primar pela simpatia e pela alegria de servir o altar; o acólito é uma pedra viva da Igreja, não é uma peça de museu, uma esfinge do Egipto, um soldado em sentido, *em parada militar*, como parecem alguns que se colocam no presbitério «*com cara de poucos amigos*»!
2. É preciso que o acólito **evolua da pedra fria e pesada do estilo românico** para a **transparência luminosa do vitral do estilo gótico**, para não se tornar um acólito «pedrado» – *que chega a dormir como uma pedra* tal como o acólito Samuel – mas um luminoso ministro do altar. O acólito deve aprender a ser como um vitral: alguém que não dá nas vistas, que não brilha com luz própria, mas uma pessoa transparente, que irradia a luz que recebe do Alto. E, por isso, não procura chamar a atenção sobre si mesmo, como se o presbitério fosse o palco da sua exibição. O acólito é um fiel ministro do altar, é aquele que se faz «o mais pequeno», o servidor humilde dos mistérios e dos dons de Deus; não é um *chefe de protocolo*, nem um *servente de mesa*; um cobrador de impostos. Não. O acólito não é a vedeta da celebração; quem preside é Cristo e é só a Sua luz que aí deve brilhar. O acólito deve simplesmente servir com amor a mesa do Senhor.
3. Por último, esta Igreja, com a sua pia batismal renascentista, adornada de alguns elementos manuelinos, construída em pedra de Ançã – uma pedra calcária que facilmente se esboroa –, também desafia o acólito a **não assumir um estilo barroco**, exibicionista, espalhafatoso, espaçoso, imparável e ruidoso. Tem de preferir o estilo gótico, pautar-se pelo crescimento “em altura”, tendo em vista a medida alta da santidade. O acólito deve preferir o estilo gótico, mais contemplativo, calmo, sereno, silencioso, discreto, contido e recolhido, como nos sugere esta Igreja. Para chegar a este ideal, o acólito deve tornar-se uma pessoa de oração e adoração, humilde e discreto. Por exemplo, em tudo e sempre, o acólito deve preferir um olhar a uma palavra; um sinal discreto a uma frase sonora; um movimento curto a uma «passerelle». Tal como aconteceria à pedra Ançã, se o acólito se mexer muito, ele acabará por se esboroar, por se estatelar, precisamente ali, no altar, onde o acólito “barroco”, se transforma no acólito “bacoco”.

**III.** Queridos acólitos, queridas acolitas: estamos todos a caminho, em transição, «*in transitu*», como nos recordam as sepulturas e este lugar de paragem e de passagem nos caminhos de São Tiago. Somos todos *peregrinos de esperança*, de uma esperança viva, que nos vem do alto, de Jesus Cristo, como nos recorda a Luz do Sol, que atravessa os vitrais. O ano jubilar que se aproxima nos ajude a caminhar na alegria do serviço humilde do altar. O ano jubilar nos ajude *a esperançar e a agir*, com *todos e para o bem de todos*, para construirmos juntos uma *Igreja mais bela* e um *mundo melhor*!